

APRESENTAÇÃO

É com uma alegria muito especial que apresentamos este número da revista *Primórdios*, pois este é o décimo volume da nossa revista. Já se passaram agora 13 anos desde o lançamento do primeiro número da revista, em 2010, criação da nossa tão saudosa amiga e colega Ângela Rabello. Por alguns anos, a revista foi publicada a cada dois anos, e mais recentemente passou a ser publicada anualmente.

Chegar ao décimo número, marcando uma trajetória de continuidade no projeto sonhado e realizado por Ângela, e buscando proporcionar à nossa revista a melhor qualidade possível, com artigos de colegas do nosso Círculo, como também de outras instituições e outros lugares do país ou do exterior, têm sido para nós motivo de profunda satisfação. Até porque sabemos que nossa revista é a única publicação atualmente no Brasil que tem como foco a temática dos primórdios da vida psíquica numa perspectiva psicanalítica.

Com o título **Clínica pais-bebê: histórico, conceitos e modalidades de abordagem**, esse número da revista corresponde ao nosso tema de pesquisa de 2023, estando aqui então publicados os artigos dos colegas que participaram de nossas mesas de debate ao longo do ano passado. A sequência dos artigos estará em consonância com os diversos ângulos dessa temática, conforme eles foram objeto de reflexão e debate em 2023.

A clínica da interação pais-bebê, cujo desenvolvimento nas últimas décadas levou à proposição de novos conceitos para a compreensão dos processos em curso nesse período, é particularmente complexa e baseada em pressupostos teórico-clínicos diversos. Sua particularidade é colocar em cena, como sujeitos igualmente ativos neste processo, o adulto e o bebê. Desta forma, as modalidades de trabalho que surgiram têm como pano de fundo essa estreita relação, com criação de propostas inovadoras de cuidados à esta tríade, as quais se iniciam já no período pré-natal.

Em 2023 iniciamos nossos estudos apresentando uma contextualização histórica do campo teórico da clínica pais-bebê, dos seus conceitos fundamentais e das diferentes modalidades dessa clínica. Em seguida, refletimos sobre os encontros e desencontros entre os pais e o seu bebê, o que coloca em cena a construção da parentalidade, em toda a sua gama de expressões dos aspectos psíquicos e socioculturais envolvidos neste processo.

Os modos de intervenção terapêutica dos riscos e do sofrimento psíquico na primeira infância pressupõem a análise da situação clínica do bebê e do contexto parental e familiar. A pergunta: “Como estamos tristes se estamos grávidos?” trouxe para o debate a questão da depressão materna e paterna no período perinatal. Questão em geral silenciada, tanto pelos próprios sujeitos em cena, os futuros pais, quanto pelos profissionais de saúde. Cuidar dos pais e do seu bebê neste momento inicial da vida do bebê, abre, portanto, uma vasta gama de possibilidades de reflexão a esta família que está se construindo, além de favorecer a elaboração de situações traumáticas no início da construção da subjetividade do bebê.

O primeiro artigo, de Regina Orth de Aragão, apresenta as linhas gerais da clínica psicanalítica pais-bebês. A autora lembra as especificidades dessa clínica, que se dirige não mais a um sujeito, mas a uma dupla ou tríade, o que produz modificações no enquadre e na posição do analista; o tratamento dirige-se à relação e às suas perturbações. Os objetivos gerais dessa abordagem visam implementar flexibilidade e movimento no sistema relacional entre pais e bebê, dar crédito à força do desenvolvimento da criança e fortalecer suas pulsões de vida.

No artigo seguinte a autora Silvia Zornig ressalta duas características fundamentais da primeira infância: a noção de corporeidade, ou seja, de um psiquismo que é inaugurado no corpo, através das diversas manifestações corporais do bebê, e a importância do objeto enquanto referencial para a constituição psíquica. Estas duas características são complementares, pois o bebê só pode construir uma história narrativa se tiver um adulto que exerça a função de identificar e de interpretar seus sinais corporais, dando-lhes sentido e atribuindo-lhes significados. O texto desenvolve esses dois eixos de reflexão, e aponta a importância de ambos na clínica que acolhe os pais e sua criança.

Diana Dadoorian apresenta no seu artigo o conceito de parentalidade, numa perspectiva psicanalítica. Ela propõe que a parentalidade deve ser entendida como um processo que inclui vários elementos, de natureza tanto

consciente, quanto inconsciente do funcionamento mental, que diferem daquilo que se denomina de função dos pais. Os encontros e desencontros entre os pais e o bebê exprimem tal complexidade onde ambos os sujeitos possuem papel ativo na construção da parentalidade. A autora conclui apontando a potência da clínica da parentalidade na atualidade, tanto como instrumento de reflexão, quanto na formulação de novas propostas clínicas com os pais e o bebê.

Em articulação estreita com suas pesquisas atuais, Rachele Ferrari aprofunda no seu artigo a discussão sobre o lugar da tristeza na experiência da gravidez, em contraponto à expectativa da nossa cultura de que a alegria e a felicidade sejam os únicos sentimentos possíveis nesse período da vida. A autora propõe pensarmos sobre o potencial traumático que é próprio da entrada na vivência da maternidade/paternidade, algo que é inerente à experiência de qualquer mulher ao se tornar mãe e também à do homem ao se tornar pai.

Nesse mesmo tópico relativo aos processos vividos durante a espera de um bebê Miriam Pirim nos lembra em seu texto que, embora a gravidez seja uma fase repleta de mudanças positivas, é essencial reconhecer que sentimentos de tristeza e ansiedade são normais e compreensíveis. Em muitas gestantes, esses sintomas se manifestam de forma intensa, resultando em sofrimento significativo e incompatível com o funcionamento cotidiano, culminando em casos de depressão grave, que requerem tratamento psicoterapêutico e farmacológico. A autora ilustra as diversas fontes de ansiedade e depressão na gestação com o relato de sete casos clínicos que foram acompanhados por ela.

Em sintonia com o que foi apresentado nos artigos anteriores, Eloisa Tavares de Lacerda aborda a experiência do atendimento a bebês e crianças muito pequenas e seus pais em uma clínica dos primórdios, e propõe que essa experiência demanda uma escuta do corpo e com o corpo, uma escuta marcada pelo ritmo, pela sensorialidade. E lança a pergunta: o que pode significar uma escuta entre esses cuidados? Responde afirmando que, para essa escuta, é extremamente relevante todo um conhecimento desse tempo dos primórdios; tempo em que o não verbal – ou seja, a sensorialidade e o ritmo – “fala” mais alto que o plano verbal.

E de nossa colega Silvia Ferreira temos a apresentação de uma modalidade de trabalho muito importante dentro do campo da prevenção e do cuidado da parentalidade, exercida no ambiente hospitalar quando do nascimento prematuro de um bebê. Segundo a autora, o nascimento prematuro de uma criança

não é sem consequências tanto para a mãe como para o bebê. As separações precoces ocorridas em situações de risco como essa podem acarretar a fratura ou a destruição da função materna. Seu artigo analisa os efeitos dessas separações, articulando a condição da criança prematura com a antecipação da maternidade, o modo como a função materna pode ser construída ou reconstruída e o papel da equipe de neonatologia nesse trabalho de (re)construção.

Finalizamos esse número da revista com um artigo de Regina Celi Bastos Lima que questiona com ênfase e profundidade as condições da nossa sociedade pós-moderna, invadida pela tecnologia e tomada por uma aceleração incessante da experiência de tempo-espaço. Não se trata de um texto diretamente relacionado à prática da clínica pais-bebê, mas que apresenta questões relevantes sobre nosso momento histórico e o contexto sociocultural no qual estamos imersos, com consequências marcantes para as relações pais-filhos. A autora propõe o resgate da noção criatividade, tal como desenvolvida por Winnicott, para pensar quais são as condições possíveis para preservar a capacidade criativa do ser humano.

A riqueza e a profundidade dos vários artigos que compõem este número de nossa revista, todos eles apoiados nas experiências clínicas e nas pesquisas das várias autoras, vem reforçar nosso sentimento de alegria e nossa satisfação ao apresentar essa produção que comemora a décima edição da revista. Que venham muitos outros!

Desejamos boa leitura a todos!